

SC02. História Oral e Memória
Diego Firmino Chacon e Rafael Oliveira

HISTÓRIA ORAL: METODOLOGIA E APLICAÇÕES

Talita Najla Martins Nunes¹
Rafael Porto Ribeiro²

RESUMO

Durante a antiguidade, antes do aparecimento da escrita, os fatos e saberes passavam de geração a geração sem a necessidade de documentos escritos. Após o surgimento da escrita, a tradição oral perdeu sua força, mas ainda se faz presente em todas as sociedades do mundo moderno, de uma maneira ou de outra. A metodologia da História Oral, que é baseada em entrevistas devidamente gravadas, diz respeito à técnica de fazer-se perguntas sobre determinado assunto, deixando os entrevistados livres para expor suas opiniões, sensações e memórias. Tendo em vista essa característica da história oral, nota-se que tal metodologia será mais utilizada em favor da preservação da memória de sociedades ágrafas ou onde a escrita é menos prestigiada se em comparação a outras formas de transmissão de conhecimento. Assim, o trabalho pretende, através de uma revisão bibliográfica de autores que tratam do tema, como Jacques Le Goff (1988), Paul Thompson (1978) e Verena Alberti (2004), trazer a forma como é feita a construção de trabalhos acadêmicos através desta metodologia. A História Oral é, evidentemente, um método riquíssimo que abre as mais diversas possibilidades de interpretação no que diz respeito aos fatores culturais, sociais, políticos e religiosos.

Palavras-chave: História Oral; Metodologia; Memória.

INTRODUÇÃO

Diversos livros da área de conhecimento da história utilizam da metodologia da história oral, ou até mesmo do conceito análogo, a problematização da memória. Por outro lado, essas mesmas obras se preocupam muito pouco em explorar o método aplicado, seja por partirem do pressuposto que o leitor já possui uma carga teórica sobre o assunto, seja por não acharem pertinente o bastante. Dessa maneira, é necessário apresentar para o leitor interessado em trabalhos mais aprofundados um breve ensaio sobre os principais pontos da história oral enquanto ferramenta para se transmitir o conhecimento.

¹ Aluna do curso de História – UAHIS/CH/UFCG;

² Aluno do curso de História – UAHIS/CH/UFCG;

DESENVOLVIMENTO

Jacques Le Goff (1924) afirma que o nosso conhecimento histórico está firmado nos documentos que encontramos sobre os fatos passados e que os mesmos são frutos de uma escolha do historiador não contando, portanto, cada detalhe ocorrido. Neste contexto da discussão acerca da história encontramos caminhos a percorrer no que diz respeito a (re)interpretação de fatos.

A História Oral é uma metodologia que surgiu e popularizou-se na Primeira e Terceira geração dos Anales que ganha espaço a partir de 1994 com a criação da Associação Brasileira de História Oral. Em meados 1950 a 1970 com o surgimento das tecnologias há a maior possibilidade de utilização deste método. A metodologia oral é usada na construção de trabalhos acadêmicos feitos através de entrevistas devidamente gravadas, essa forma de exploração de fontes de estudos é usada desde a época de historiadores como Heródoto (Séc. V a.C), cuja obra tem como título “Histórias”, que trata das mais diversas civilizações antigas (Egito, Grécia, entre outros) é toda feita através de testemunhos que encontrou em diversos lugares do contexto histórico ao qual estudava.

Jules Michelet, historiador francês do século XIX nos diz que a “tradição oral (...) [é] aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo” (1835) e desta forma podemos afirmar que seria a maneira pela qual os acontecimentos vão passando de geração a geração, de classe em classe, gênero a gênero possibilitando diversas maneiras de interpretações tanto do locutor quanto do ouvinte.

A respeito da história oral, Paul Thompson (1992) afirma:

Na maioria das sociedades, existe normalmente um leque muito amplo de evidência oral. A importância social de algumas dessas tradições orais resultou também em sistemas confiáveis para sua transmissão de uma geração a outra, com um mínimo de distorção.

A fala, em uma sociedade desprovida de fontes escritas, como o caso dos povos, antigos, é uma forma confiável de se conhecer os fatos e absorver os acontecimentos da sociedade, tanto recentes como já passados. Era então uma forma até mesmo cultural de se fazer história: “Ao localizar as coisas no tempo, não o fazia com datas do calendário, mas datava as coisas com acontecimentos físicos, como... uma inundação” (idem).

Percebemos assim que os acontecimentos estão intimamente ligados aos seres humanos, é regrado sempre pela ação de alguém que levou a algo específico de importância

para determinada sociedade. A influência que aquele fato teve para os habitantes daquele contexto.

Thompson (1992) afirma que a tradição da antiguidade baseada na oralidade é sem sombra de dúvidas uma riqueza sem medidas para aqueles historiadores, que poderiam ter diversas maneiras de interpretações diferentemente do documento escrito já feito, acabado. Porém, seria a metodologia oral aceita pelos mais diversos historiadores? Evidentemente não, pois historiadores desde Tucídides na antiguidade (GAGNEBIN, 1997) acreditavam que esta metodologia não era de todo confiável tendo em vista vir das lembranças e interpretações de cada entrevistado.

A metodologia oral é utilizada em diversos campos da história, até mesmo por aqueles profissionais que não são historiadores, como é o caso de antropólogos e jornalistas. A mesma funciona também em conjunto com evidências de outras fontes que venham a tratar do mesmo assunto: “É uma técnica que, presumivelmente, pode ser utilizada em qualquer ramo da disciplina.” (ibidem).

As histórias passadas de geração a geração nos traz a possibilidade de afirmação e conhecimento do que antes foi feito. O que seria da história antes da escrita, antes da documentação em escrita? Certamente de difícil acesso e atendimento, impossível de se explicar os fatos se não fosse a fala:

“A evidência oral pode expor, com mais clareza do que documentos, os métodos de trabalho de um grande inovador”, trazendo uma história daqueles que compõem, em geral, determinados ambientes. Possibilita, pois não só aquela história positivista, mas também o conhecimento da existência daqueles que não são principais protagonistas dos “grandes acontecimentos”: “Para garantir alguma indicação confiável dos padrões normais de trabalho ou das variações em nível tecnológico num determinado distrito, a evidência oral é essencial.” (Thompson, 1992).

A oralidade nos possibilita ir além da macro história e adentrar na participação de todos os elementos da mesma. Esta metodologia é importante em todos os campos da história, nas questões econômicas, sociais, políticas e religiosas por permitir as mais variadas opiniões daqueles que são destas categorias históricas participantes.

Praticar História Oral é “descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (Thompson 1992) assim é usar de diversas interpretações e subjetividade pra entender a verdade do fato explorando a memória da fonte:

Poderíamos perguntar pelos sonhos de nossos informantes, por seus pesadelos, ou por suas fantasias enquanto sonham acordados na linha de montagem; e para aprender o máximo com essas expressões de seus desejos e angústias interiores, evidentemente precisaríamos identificar os ardis características do “trabalho do sonho”, sua condensação de mensagens, inversões, substituições, metáforas, jogos de palavra e imagens visuais, por meio das quais os sonhos transmitem suas mensagens simbólicas (Thompson 1992).

Até meados do século XX, a história praticada “oficialmente” se reduzia simplesmente a interpretações dos documentos escritos, e favorecia consequentemente as civilizações onde a memória era imortalizada em sua maioria pela literatura. Essa leitura da história, hoje sabemos, é incapaz de abranger todas as possibilidades do estudo da memória, já que ela possui uma maior peculiaridade justamente onde a escrita é ausente. Só a partir do movimento dos *Analles*, por volta das décadas de 20 e de 30, é que teremos um favorecimento maior de outras fontes, essas então favorecendo a memória mais flexível, e rica de conteúdo. Não é coincidência justamente o movimento dos *Analles* ser reconhecido pela sua interdisciplinaridade entre História, Psicologia, Psicanálise, Sociologia (BURKE, 1991).

Uma das vertentes de estudo dessa nova escola historiográfica é justamente o imaginário das sociedades humanas, que vai contribuir com a compreensão das sociedades estudadas a partir de suas histórias sobre um tempo ou uma época, melhor que o (a) atual (estando esse espaço de tempo no passado ou no futuro), evidenciando, ainda que indiretamente, os desejos coletivos e individuais dos que passam essas narrativas adiante. O conceito de idades míticas é o exemplo mais forte nesse estudo. As idades míticas “são épocas excepcionalmente felizes, (...) sem proibições ou impedimento de tipo algum; (...) quando a idade mítica é tomada como ponto de partida, segue-se-lhe um período de decadência” (LE GOFF, 1988).

Uma narrativa desse modelo trará então um discurso de um passado distante, onde a vida no geral era melhor em todos os aspectos, e (na maioria das vezes) os seres humanos estavam mais próximos da natureza, do divino; essas épocas eram marcadas pelo respeito e pelo pudor. Podemos encontrar esses relatos ricos em significados tanto em civilizações com escrita quanto nas civilizações que não usam dela, como nos casos das narrativas gregas de Hesíodo, Ovídio e até Platão, ou nas histórias perpassadas dentro do grupo étnico indígena dos Guarani. O ponto comum nessas histórias será como já foi dito, a crença de que o passado era ideal, definitivamente melhor que o momento presente.

Aplicações práticas da História Oral no cotidiano acadêmico não faltam. Uma metodologia bastante popular nos estudos sobre a América Latina e a África, a História Oral se difundiu rapidamente no Brasil.

Com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO)³ em abril de 1994 – antecedendo em dois anos a Associação Internacional de História Oral (IOHA, em inglês), a História Oral se consolida como prática, se fazendo presente em teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e projetos de iniciação científica Brasil afora.

Como exemplo de utilização da História Oral na academia, pode-se citar a famosa coletânea de História Geral da África, de imensa importância para a historiografia mundial, originada de um projeto patrocinado e organizado pela UNESCO desde 1964. Com a participação de mais de 350 intelectuais, sob a edição de Joseph Ki-Zerbo, a coletânea em oito volumes tornou-se um clássico, além de leitura essencial para os interessados em história africana.

Essa coletânea teve como objetivo trazer à tona uma história africana sem o eurocentrismo presente em todas as anteriores narrativas sobre o continente. Para tal, o trabalho de campo (realizado também por antropólogos, filósofos e sociólogos) objetivou coletar o conhecimento popular e tradicional sobre as variadas sociedades africanas, mais antigas ou recentes. Esse conhecimento, muitas vezes sem um relato escrito, foi sistematizado e organizado como fonte histórica através de certas metodologias específicas, dentre elas, a história oral.

Sobre a produção da coletânea, Joseph Ki-Zerbo apresenta (1999):

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie ocultaram ao mundo a verdadeira história da África. As sociedades africanas eram vistas como sociedades que não podiam ter história. Apesar dos importantes trabalhos realizados desde as primeiras décadas do século XX por pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Arturo Labriola, um grande número de estudiosos não africanos, presos a certos postulados, afirmava que essas sociedades não podiam ser objeto de um estudo científico. Devido, sobretudo, à ausência de fontes e de documentos escritos. De fato, havia uma recusa a considerar o povo africano como criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram ao longo dos séculos por caminhos próprios, as quais os historiadores, a menos que abandonem certos preconceitos e removam seus métodos de abordagem, não podem aprender. (...)

Os especialistas de vários países que trabalharam nesta obra tiveram o cuidado de questionar as simplificações excessivas provenientes de uma concepção linear e restritiva da história universal e de restabelecer a verdade dos fatos sempre que necessário e possível. Esforçaram-se por resgatar os dados históricos que melhor

³ Site da Associação Brasileira de História Oral: <<http://www.historiaoral.org.br/site/capa>>.

permitted acompanhar a evolução dos diferentes povos africanos em seus contextos socioculturais específicos.

Esta coleção traz à luz tanto a unidade histórica da África quanto suas relações com outros continentes, sobretudo, as Américas e Caribe. Durante muito tempo, as manifestações de criatividade dos descendentes de africanos nas Américas foram isoladas por certos historiadores num agregado heteróclito de africanismos. Desnecessário dizer que tal não é a atitude dos autores desta obra. Aqui a resistência dos escravos deportados para as Américas, a “clandestinidade” política e cultural, a participação constante e maciça dos descendentes de africanos nas primeiras lutas pela independência, assim como nos movimentos de libertação nacional, são entendidas em sua real significação: foram vigorosas afirmações de identidades que contribuíram para forjar o conceito universal de Humanidade. Outro aspecto ressaltado nesta obra são as relações da África com o sul da Ásia através do oceano Índico, assim como as contribuições africanas a outras civilizações por um processo de trocas mútuas. (...)

Nesse exemplo, vemos como a história oral (literalmente) dá voz às sociedades ágrafas, como já foi mencionado neste trabalho. Entrando em conflito direto com a historiografia alemã oitocentista, a história oral retira dos documentos “oficiais” escritos o cargo de único detentor da verdade, quando torna fonte histórica a fala e o silêncio, o relato e a comoção, tudo devidamente transcrito.

Para o caso da historiografia africana, a História Oral se mostra também uma metodologia de resistência ao típico “preconceito eurocêntrico”, por dar essa liberdade aos documentos não escritos. Apesar dessa característica, a História Oral também é popular na Europa, e, juntamente com os Estados Unidos, ajudou a popularizá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo levantamento bibliográfico, sobre qualquer o assunto que seja, traz conhecimento teórico valioso não só ao leitor do levantamento quanto ao próprio autor do texto, tendo em vista que as reflexões aqui exibidas são fruto de uma pesquisa histórica, que procurou simplificar leituras posteriores sobre o mesmo assunto, fazendo assim papel de leitura introdutória. Ademais, a prática da escrita também é reforçada, bem como a capacidade de transmitir o conhecimento de maneira mais direta, sucinta e clara, a fim de facilitar o entendimento do assunto em questão – A teoria da história oral e suas várias aplicabilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales – 1929 – 1989: A revolução Francesa da Historiografia**. Tradução de Nilo Odália, São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- KI-ZERBO, Joseph (editor). **História Geral da África**. Vol I. 2 ed. rev. Brasília; UNESCO, 2010.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.